

CONVERSAÇÕES E ESCRIVIVÊNCIAS: A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE FALA DA NEGRITUDE NA UNIVERSIDADE

CONVERSATIONS AND ESCRIVIVÊNCIA: THE CONSTRUCTION OF BLACKNESS SPEECH SPACES AT THE UNIVERSITY

João Otávio Vieira Carvalho Almeida 1

Fábio Santos Bispo 2

Lais Andrade Vitória 3

Luizane Guedes Mateus 4

Isabele Colares da Silva 5

Raiani Dercilia da Silva 6

Julia Cibele Gomes Santos 7

Resumo: Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência do Coletivo Interestadual Ocupação Psicanalítica - por uma clínica antirracista, na construção de um espaço de escuta, produção e compartilhamento de narrativas e vivências entre estudantes e trabalhadores negros da Universidade Federal do Espírito Santo sobre a experiência de ser uma pessoa negra no espaço universitário. Apresentamos a proposta de articulação da metodologia das conversações, de inspiração psicanalítica, com as escrituras, de Conceição Evaristo, fundamentadas no resgate das vozes e memórias das mulheres negras. Trata-se de um espaço onde a palavra, a fala e a escuta se entrecruzam e ressaltam a torção que implica o encontro do singular e do coletivo. Ao inaugurar esse espaço, abrimos uma fresta para a escuta do mal-estar advindo do racismo e para a possibilidade de criar novos caminhos para uma universidade inclusiva e antirracista.

Palavras-chave: Conversação. Escrivivência. Psicanálise. Antirracismo.

Abstract: This work aims to report the experience of the Coletivo Interestadual Ocupação Psicanalítica - for an anti-racist clinic in the construction of a space for listening, production and sharing of narratives and experiences among black students and workers of Universidade Federal do Espírito Santo. We present the proposal of articulating the methodology of conversations, inspired by psychoanalysis, with *Escrivivências*, by Conceição Evaristo, based on the rescue of black women's voices and memories. It is a space where speech and listening intertwine and highlight the torsion that implies the meeting of the singular and the collective. By opening this space, we opened a window for listening to the malaise arising from racism and for the possibility of creating new paths for an inclusive and anti-racist university.

Keywords: Conversation. *Escrivivência*. Psychoanalysis. Antiracism

- 1 Graduando em Psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), integrante do Coletivo Ocupação Psicanalítica e do grupo de pesquisa Infâmias Resistências. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7522199569260591>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0346-630X>. E-mail: joaootavio64@hotmail.com
- 2 Doutor em Psicologia, Pós-doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES, integrante do Coletivo Ocupação Psicanalítica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7078731129867747>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0488-6163>. E-mail: fabio.bispo@ufes.br
- 3 Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Salesiano e integrante do Coletivo Ocupação Psicanalítica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5391430658865852>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8083-2901>. E-mail: laissvitorio1@gmail.com
- 4 Doutora em Psicologia, Professora do Departamento de Psicologia da UFES e integrante do Coletivo Ocupação Psicanalítica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4878991655516101>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3643-7645>. E-mail: luizane.mateus@ufes.br
- 5 Graduada de Psicologia pela UFES, integrante do Coletivo Ocupação Psicanalítica e do PET Psicologia UFES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0844163116867755>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4654-6688>. E-mail: isabele.colares02@gmail.com
- 6 Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Espírito Santo e integrante do Coletivo Ocupação Psicanalítica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1085888350812997>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8468-3766>. E-mail: raianidasilva14@hotmail.com
- 7 Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Espírito Santo e integrante do coletivo Ocupação Psicanalítica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9788192840233930>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2430-6157>. E-mail: juliagomes.santos@gmail.com

Introdução

Este relato tem como objetivo compartilhar a experiência do Coletivo Interestadual *Ocupação Psicanalítica - por um clínica antirracista* na construção de um espaço de escuta, produção e compartilhamento de narrativas e vivências entre estudantes negras e negros assistidos pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (Proaeci) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), aberto também a servidores e pesquisadores de pós-graduação da UFES, sobre a experiência de ser negro na universidade. Apresentamos brevemente o coletivo, a demanda que nos foi encaminhada, a metodologia composta pelo dispositivo psicanalítico das conversações (MILLER *et al.*, 2005; MENDONÇA, 2017) e pelas escrituras (EVARISTO, 2020), que fundamentaram nossa prática inicial de ciclos de conversa em torno de questões levantadas por autoras negras como Neusa Souza, Grada Kilomba e Conceição Evaristo.

O Coletivo *Ocupação Psicanalítica* tem como objetivo principal o enfrentamento de desigualdades e privilégios raciais (UFES, 2021) por meio de ações voltadas à escuta e ao acolhimento da população negra, assim como o apoio à formação de profissionais e estudantes de Psicologia segundo a prática da psicanálise laciana (UFES, 2021). Formado por psicanalistas, psicólogos e estudantes dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia, o coletivo atua segundo os eixos de: oferta clínica antirracista em ato e pesquisa, construção e difusão do saber inovador em psicologia clínica antirracista e formação continuada para uma clínica antirracista (GUERRA *et al.*, 2022; GOMES-SANTOS *et al.*, 2022; VITÓRIO *et al.*, 2022).

No Espírito Santo, foco deste relato, o coletivo está vinculado ao Departamento de Psicologia da UFES, trata-se de um projeto de extensão com práticas voltadas ao acolhimento e à escuta da população negra do Território do Bem¹ e outros bairros da Grande Vitória, por meio de atendimentos individuais e encontros coletivos, realizados também com coletivos e estudantes da universidade, principalmente aqueles atendidos pela assistência estudantil, trabalhadores universitários e interessados (VITÓRIO *et al.*, 2022; GOMES-SANTOS *et al.*, 2022).

Em março de 2021, o Coletivo iniciou sua parceria com a Diretoria de Ações Afirmativas e Diversidade (DAAD/Proaeci). Foi realizada uma roda de conversa com servidores da Pró-Reitoria que lidam diretamente com a assistência estudantil. Eles falaram sobre as frequentes narrativas de sofrimento de estudantes negros referentes ao ingresso e à permanência na universidade – o processo de tornar-se negro, os silenciamentos e a ausência de espaços que possibilitem o compartilhar de suas questões com seus semelhantes. Desse encontro, surgiram estratégias e práticas para lidar com as questões levantadas, como a supervisão e o encaminhamento de atendimentos psicológicos e a realização conjunta de atividades de formação e acolhimento.

Destacamos, neste relato, uma dessas ações, que foi inspirada em um trabalho anterior realizado pela psicanalista Sônia Rodrigues da Penha (integrante do *Ocupação-ES*) no Projeto Raiz Forte - Espaço de Criação. O primeiro ciclo de conversações na universidade aconteceu de forma remota e síncrona, devido ao período pandêmico e ao sistema de Ensino Aprendizagem Temporário Emergencial (Earte) da UFES. Como orientação metodológica, foi utilizado o dispositivo clínico de conversações (MILLER *et al.*, 2005; MENDONÇA, 2017) em torno do livro “Tornar-se Negro”, de Neusa Santos Souza (2021), articuladas à prática de escrituras, proposta pela escritora Conceição Evaristo (EVARISTO, 2020; GOMES-SANTOS *et al.*, 2022; COSTA *et al.*, 2021). O segundo ciclo de conversações foi realizado presencialmente, considerando o retorno das atividades presenciais após longo tempo de distanciamento social, a partir das experiências vivenciadas no primeiro ciclo. Seguindo a mesma estratégia de ressaltar o nome de uma escritora negra, foi proposta uma chamada com o título “Grada Kilomba: quem pode falar na universidade”, evocando justamente a abertura para ocuparmos, com a fala e com o corpo, espaços de ruptura do silenciamento.

Em ambos os encontros escutamos e experienciamos, enquanto mediadores, a importância desse espaço de forma horizontal, com o cuidado de não assumir uma postura de saber e avaliação da experiência de cada um, inspirados na lógica do dispositivo clínico psicanalítico de livre circulação da palavra. Adotamos a estratégia de registrar e escrever afetos e questões teóricas, clínicas e

¹ O Território do Bem é composto por nove bairros da cidade de Vitória/ES - Bonfim, Da Penha, Consolação, Floresta, Jaburu, Itararé, Engenharia, Gurigica e São Benedito.

vivenciais que foram despertadas durante os encontros para que pudessem mobilizar também a construção de um saber a ser compartilhado. Assim, partindo de uma fundamentação psicanalítica, dialogamos também com outros saberes e dispositivos da negritude, sobretudo com a orientação política das escrituras. Como escrevem Guerra *et al.* (2022, p. 264): “[...] urge atualizar a teoria e a práxis de quem sustenta o lugar de escuta, potencializando o acolhimento da voz que enuncia o mal-estar colonial que recai sobre os corpos de modo discrepante”.

Metodologia

Esta sessão visa detalhar a metodologia dos dois ciclos de conversações supracitados. Os dois encontros foram divulgados, via e-mail, pela DAAD/Proaeci e pelo Coletivo Ocupação Psicanalítica aos estudantes assistidos, também houve divulgação nas redes sociais do Programa de Educação Tutorial Psicologia (PET-Psi) e do Centro Acadêmico Livre de Psicologia Maria Clara da Silva (Calpsi/UFES). Os encontros, somados, contaram com a inscrição de 91 participantes², sendo eles estudantes de diversos cursos³ e servidores⁴ da UFES.

O primeiro ciclo começou a ser idealizado após o encontro realizado com os servidores das três diretorias da Proaeci/UFES – diretoria de Assistência Estudantil, diretoria de Ações Afirmativas e Diversidade e diretoria de Gestão dos Restaurantes. Em parceria com uma das psicólogas da equipe da UFES, iniciamos a discussão, nas reuniões do Coletivo Ocupação-ES, para pensar em formas de promover um espaço de escuta e fala para os estudantes negros assistidos. Nessas reuniões, além de retomarmos impasses e experiências levantados pela Proaeci/UFES, foram realizados estudos sobre a metodologia das conversações, que nos ajudaram a conceber a possibilidade de utilizar livros com a temática racial como forma de abrir o convite para falar sobre o tema. Também estudamos sobre as escrituras (EVARISTO, 2020), pensando em formas de articulá-las ao trabalho coletivo, seja como inspiração político-poética, como suporte para a fala dos estudantes ou como um registro daquilo que foi despertado nas conversas.

A escolha pelas conversações articulou-se com as experiências de trabalho e pesquisa realizadas pela psicanalista capixaba Sônia Rodrigues da Penha, que conduziu um grupo de estudos vivencial acerca do livro “Tornar-se negro” (SOUZA, 2021). A psicanalista Renata Mendonça, do Ocupação Minas, e a psicanalista Vilma Dias, do Ocupação-Rio também contribuíram para essa preparação, compartilhando experiências de trabalho em escolas e dispositivos de saúde mental, orientados pela metodologia das conversações. O dispositivo apresentado por Miller *et al.* (2005) tem como proposta central a circulação da palavra, tornando coletivo o método freudiano de associação livre (FREUD, 1925/1996), capaz de fazer o sujeito estranhar-se, surpreender-se consigo mesmo e com a linguagem, permitindo que a palavra seja usada como sujeito, e não como objeto de “[...] nomeação dada pelo Outro” (GUERRA; ARANHA; VIDIGAL, 2018, p. 47). Logo, nesse espaço, embora ausente de pretensões terapêuticas, a aposta é que se possam alcançar transformações com valor político e subjetivo: “[...] abalar significados cristalizados, expressar e produzir significações, ouvir as singularidades, o que possibilita novas ideias, ângulos e perspectivas de mundo” (GOMES-SANTOS *et al.*, 2022, p. 2).

A surpresa está nessas conversas, no sem sentido que surge delas, mas que pode fazer sentido a algum participante, e por isso a aposta das conversações é fazer emergir o real que toca a cada um. É esse real que pode ser contornado por meio das palavras. A surpresa nos diz que se tocou em algo novo. A palavra o contorna pois o real nos escapa sempre. São essas as surpresas que advém da multiplicidade de sentidos dados que

2 Autodeclaração: pretas(os): 25 em cada ciclo, totalizando 50; pardas(os): 10 em cada ciclo, totalizando 20, indígenas: um, apenas no primeiro ciclo; brancas(os): sete no primeiro ciclo e 13 no segundo, totalizando 20.

3 Artes Plásticas, Artes Visuais, Ciências Sociais, Jornalismo, Geografia, Letras - inglês, Artes, Mestrado Profissional em Educação, Nutrição, Oceanografia, Psicologia, Terapia Ocupacional, Mestrado em Psicologia, Ciências Econômicas, Direito, Biblioteconomia, Fonoaudiologia, Pedagogia, Ciências Biológicas, Engenharia Florestal, Educação Física, Comunicação Social - Jornalismo, Ciências Contábeis e Licenciatura em Música.

4 Administração Central e Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes (HUCAM).

vão surgindo oportunizando conhecer algumas identificações manifestas (MIRANDA; VASCONCELOS; SANTIAGO, 2006, p. 3).

Sendo assim, é pertinente que o trabalho se dê por meio das conversações, pois os afetos são gerados por meio das palavras. Miranda, Vasconcelos e Santiago (2006) dizem que a interação nas conversações se dá com o discurso, ou seja, a fala, e não com os outros participantes. O desejo inicial de constituir um lugar onde se pudesse falar fez com que as conversações se tornassem um espaço inaugural, onde o discurso pode fluir e abrir um espaço seguro⁵ (COLLINS, 2019) para a fala sobre o mal-estar advindo do racismo, que é tão sistematicamente silenciado na cultura brasileira.

Apesar de as conversações terem esse caráter singular, “para cada um existe um real que faz sentido singular, e não pode ser recoberto com o sentido pleno, comum e consensual, pois este real opera em cada um dando lugar a distintas respostas do sujeito” (MIRANDA; VASCONCELOS; SANTIAGO, 2006, p. 3), ao se tratar das relações raciais há algo no âmbito do singular-coletivo que emerge, e é nesse sentido que evocamos Conceição Evaristo (2020) e as escrevivências, para dar conta desse coletivo que surgiu ao se elaborar questões raciais. A autora define a escrevivência como “um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado” (p. 30) escravocrata em que a voz e o corpo das mulheres pretas eram controlados por outros. Retomar para as mulheres negras o gesto da escrita é, pois um ato ao mesmo tempo subversivo e político, pois, “ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno” (p. 34). Nesse sentido, em vez de submergir no grupo, a voz de cada um evoca, de forma muito própria, vivências que ultrapassam a dimensão narcísica para referir-se aos pontos comuns que emergem das encruzilhadas das histórias, memórias, territórios e saberes.

Trata-se de uma tentativa de localizar os pontos de condensação do mal-estar na cultura atual, porque abre as possibilidades para cada membro do grupo questionar esses pontos. É uma modalidade de investigação que, para além da busca de informações, propõe uma intervenção no campo pesquisado (MIRANDA; VASCONCELOS; SANTIAGO, 2006, p. 4).

Se, por um lado, é possível acolher e intervir sobre esse mal-estar, por outro, essa intervenção emerge da própria singularidade do encontro coletivo.

Em relação à utilização de obras de psicanalistas negras com temática étnico-racial, e à escolha pelo caminho das escrevivências, importa dizer que elas permitem sinalizar um desejo político explícito de levantar o véu do silenciamento racial na universidade. Embora a problemática racial já estivesse presente desde o início da demanda apresentada, através da busca de estudantes negros por espaços de fala e de escuta, essa busca não encontraria um endereço se não houvesse a proposta explícita de uma escuta antirracista. Ela aparece no próprio nome do coletivo e é reforçada pelo convite feito aos estudantes e servidores, sem isso, o mal-estar racial, tantas vezes denunciado por coletivos de estudantes, tenderia ao silenciamento típico da neurose cultural brasileira (GONZALEZ, 1984). O trabalho do Coletivo Interestadual de Ocupação Psicanalítica foi construído, em partes, pelo efeito das vivências dos próprios estudantes negros membros dentro das universidades.

Diante dos impasses institucionais, ausência de autores negros nos planos de ensino e da própria experiência universitária, pessoas negras, através do movimento estudantil, tem tensionado o ambiente acadêmico há anos para a chegada das escrevivências, das autoras negras nas aulas, nas pesquisas e na escrita. Trata-se de um movimento histórico de reivindicação, de “[...] uma fome coletiva de ganhar a voz, escrever e recuperar nossa história escondida” (KILOMBA, 2019, p. 27).

Com esse desejo coletivo de ganhar voz, escrever e recuperar a própria história no espaço universitário e além dele, trazemos o conceito de escrevivência, da autora Conceição Evaristo

⁵ Collins (2019) aborda os espaços seguros entre mulheres negras estadunidenses, como espaços de resistência na década de 1960 e um espaço onde há divergências, porém há uma agenda comum e prioritária. Utilizamos esse conceito para pensar este espaço das conversações como sendo seguro onde os participantes podem estar e falar do mal-estar advindos do racismo.

(2020). “Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas” (p. 34), esclarece a autora. Concebido na oralidade, na passagem da Mãe Preta na Casa Grande para a mulher negra da atualidade, dona de sua própria voz e letra, junto da experiência singular e coletiva das pessoas negras, o conceito de escrevivência visa convidar à escrita e à fala sobre o que foi sentido, estranhado ou emudecido (VANNUCHI, 2017).

Vale ressaltar que esse encontro entre psicanálise e as escrevivências se dá num cenário de interesse, investimento e escuta atenta aos sujeitos negros na cidade (LAURENT, 1999) e trocas com psicanalistas e psicólogas que também se debruçam sobre esse encontro – psicanálise, questões étnico-raciais e escrevivências. Temos, por exemplo, Cristiane Ribeiro (2022) e seu livro “Tornar-se negro, devir sujeito”, Lilian Machado (2021), com sua dissertação de mestrado “Escrevivências clínicas: violência sexual na vida de meninas negras – um triplo trauma” e Beatriz Oliveira da Silva (2022), com sua dissertação de mestrado “Por acaso não sou uma mulher? Sobre a depreciação das mulheres negras nas relações amorosas”. Cada um desses trabalhos de pesquisa apresentou um modo muito próprio de articular a escrevivência com a clínica e com a pesquisa, de modo que consolidam uma fundamentação para uma clínica escreviente.

Ainda no que se refere à metodologia, o período de pandemia de Covid-19 impôs a necessidade da modalidade do ensino remoto em muitas instituições de educação brasileiras, na UFES, ela foi chamada de Earte, conforme já mencionado. O Earte demandou que o primeiro ciclo de conversações do Coletivo fosse realizado de forma remota e síncrona, via Google Meet⁶. Sendo assim, o primeiro ciclo aconteceu nos dias 08, 15 e 22 de março de 2022, com duração de duas horas cada. No primeiro encontro, foram apresentados o Coletivo, sua proposta de trabalho e seus participantes. Além disso, houve o compartilhamento de expectativas, além do estabelecimento de um contrato verbal de como se dariam os encontros (MIRANDA; VASCONCELOS; SANTIAGO, 2006). Ainda no primeiro encontro, foi escolhido, conjuntamente, o capítulo “O mito negro”, do livro “Tornar-se Negro”, de Neusa Santos Souza (2021). Esse capítulo abriu caminho para que os participantes contassem, no segundo encontro, como foram atravessados pelo texto, e, então, após breve explicação do conceito de escrevivência (EVARISTO, 2020), estabeleceu-se que para o terceiro e último encontro cada um traria uma escrevivência (EVARISTO, 2020; COSTA et al., 2021; GOMES-SANTOS et al., 2022) a partir da experiência das conversações. A partilha ou não partilha da escrita com o grupo foi decidida por cada participante. Esse poder de escolha foi determinado por entendermos que os temas poderiam ser muito sensíveis e que a própria experiência de escrever já comportaria um exercício de elaboração. Mesmo assim, a maioria dos participantes decidiu compartilhar.

A partir do que foi ouvido no primeiro ciclo de conversação, o Coletivo elaborou o segundo ciclo de conversações para o semestre seguinte, agora de maneira presencial, tendo como disparador o livro “Memórias da plantação”, de Grada Kilomba (2019). O título escolhido para o ciclo foi “Grada Kilomba: quem pode falar na universidade?”, e abarcou não só os estudantes do campus Goiabeiras e Maruípe da UFES, como também despertou o interesse de servidores da universidade. Esse ciclo foi realizado na Célula Modular Universitária (Cemuni) VI – o prédio da Psicologia – quinzenalmente, entre os dias 31 de maio e 26 de julho de 2022, totalizando cinco encontros, com cronograma parecido com o do primeiro ciclo (primeiro encontro: apresentações e contrato verbal, último encontro: produção de escrevivências), porém, com três encontros para discussão.

Os capítulos para leitura foram escolhidos pelo grupo: a “Carta da Autora para Edição Brasileira”, a “Introdução”, o segundo capítulo, “Quem pode falar?”, e o décimo primeiro capítulo, “Performando negritude”. Esse processo de se apresentar e de falar das obras e dos fragmentos escolhidos para leitura não era meramente burocrático, nele os participantes já iniciavam a constituição de alguns vínculos e encontros com histórias novas ou semelhantes, assim como discorriam acerca do ponto em que cada um se confrontou com o racismo e com a negritude em sua trajetória acadêmica.

⁶ Importante ressaltar que, a essa altura, os problemas de acesso à internet e outros dispositivos para o ensino remoto já haviam sido mitigados através de auxílios e políticas universitárias, não sem muita luta dos estudantes e da comunidade universitária.

Desenvolvimento, resultados e discussão

O primeiro ciclo de conversações está relatado no artigo “Tornar-se negro no contexto universitário e os efeitos na saúde mental dos estudantes”, resultado de uma apresentação no XII Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as (COPENE) (GOMES-SANTOS *et al.*, 2022). Focalizaremos, no presente relato, a experiência do segundo ciclo de conversações, denominado “Grada Kilomba: quem pode falar na universidade?”, composto, conforme mencionado, por cinco encontros. No primeiro e segundo encontros, os estudantes e servidores falaram sobre o que os motivaram a participar das conversações e sobre os diversos significados e enfrentamentos de ser pessoa negra na universidade.

A partir da pergunta mobilizadora “quem pode falar na universidade?”, os participantes discorreram sobre a necessidade de falar de suas experiências dentro dos espaços universitários, de encontros com a narrativa branca e com a brancura (COSTA *et al.*, 2021) no dia a dia e também sobre o processo pelo qual passaram para conseguir nomear como racismo o “estranho” que sentiam em seus corpos (RIBEIRO, 2022; KILOMBA, 2019). Entre as narrativas escutadas, vale destacar o entrecruzamento das seguintes falas no segundo encontro: uma servidora diz ter percebido que, em seu ambiente de trabalho, os estudantes negros são chamados apenas por apelidos, precisamente, “os alunos negros têm seus nomes apagados”; uma estudante negra diz que “quem narra é o branco”. Essas falas refletem as falas daqueles que têm o nome apagado por aqueles que, “[...] [em] uma hierarquia violenta, [determinam] quem pode falar” (KILOMBA, 2019, p. 52). Os participantes falaram sobre a vida, sobre o nome da pessoa negra e o poder de alterá-lo com apelidos pejorativos, como “Pelé”, “neguinho”, “morena”, entre outros relatados pelos participantes no decorrer do encontro.

No terceiro encontro, motivados pela leitura do capítulo “Quem pode falar? Falando no centro, descolonizando o conhecimento” (KILOMBA, 2019), os participantes apontaram com fervor embates e angústias diante da branquitude, o trabalho custoso de gingar nesse espaço trazendo suas próprias histórias e correndo o risco de serem “capturados” pelas histórias da pessoa negra incondicionalmente sofredora, fruto da meritocracia e que deve agradecimento constante ao outro branco. Suas falas também se organizaram em torno da presença da pessoa negra nos espaços de produção de saber e em questões como

[...] [quem] está autorizado a produzir conhecimento? E, mesmo quando esse conhecimento é produzido, quem o legitima como aquele que será difundido em determinado campo de saber? O que produz reconhecimento e o que é preciso para ser reconhecido intelectualmente? (RIBEIRO, 2022, p. 21).

Um estudante relata que, durante a escrita de sua pesquisa, se perguntava sobre em quais autores ele se embasaria, quais palavras usaria e até onde poderia escrever. A analista, mediadora da conversação, cede algumas palavras sobre a experiência do estudante, entre elas, a frase: “pode, porém, depende”. Na experiência universitária, pode-se escrever até certo ponto, falar até certo ponto, sendo que esse ponto é a brancura e a branquitude (COSTA *et al.*, 2021; BENTO, 2022). A branquitude é um lugar construído historicamente, conforme Bento (2022), de poder e privilégio. “David Roediger e muitos outros estudiosos afirmam então, que a branquitude é sinônimo de opressão e dominação e que não é identidade racial” (p. 59). A autora afirma que os estudos sobre branquitude tem início com intelectuais negros, ao questionar as estruturas da supremacia branca, destacando sua fundação nas obras de Du Bois.

Uma estudante negra também conta que, durante uma conversa sobre projetos de Iniciação Científica, um estudante branco a olhou com surpresa e disse: “não sabia que você sabia discutir sobre isso, achei que você não ia entender. Achei que você só estudava essas coisas de militância e negro”. A palavra circula e outro participante indaga-se: “será que eu devo continuar aqui? Posso me dar ao luxo de sonhar? Vale a pena?”. A fala dos estudantes apontam para a violência racial e seus efeitos. Essa violência impõe-se de maneira dolorosa ao corpo negro, fazendo o indivíduo refletir sobre a própria identidade e auto restringir-se no que se refere a todo o seu potencial

(COSTA *et al.*, 2021). Após a fala do estudante negro, os servidores da universidade buscaram acolhê-lo e incentivá-lo, durante o encontro, a recordar-se de sua história familiar, de sua posição e importância no espaço universitário – o encontro, nesse sentido, representou um espaço seguro (COLLINS, 2019) e um espaço propício para aquilombar-se⁷ (SOUTO, 2020).

No quarto encontro, o qual foi discutido o capítulo “Performando a negritude” (KILOMBA, 2019), os participantes narraram sobre o peso de performar o corpo, raça e história de todo um grupo. No dia a dia, com suas subjetividades sendo negadas e tendo de representar os que foram impedidos de frequentar o espaço (KILOMBA, 2019), surge a fala de uma estudante angustiada diante da decisão de trancar o curso ou não. A estudante negra diz ter pensado constantemente em seus pais, sua família e como sua decisão poderia afetá-los, ainda que “essa decisão só implicava a mim”. Essa fala ressalta bem a dialética entre a decisão singular e uma experiência coletiva que, em alguns momentos, pode apresentar-se como um peso, mas, em outros, serve de contrapeso para alavancar um percurso.

No quinto e último encontro, foi proposto que os participantes pudessem elaborar alguma escrevivência sobre o que foi sentido, escutado, falado ou aquilo que não pôde ser dito anteriormente durante os encontros. Num movimento de ler o próprio texto, comentar sobre ele e até falar da dificuldade de escrever sobre si, ou mesmo escrever para além da estrutura acadêmica ensinada, os participantes enfatizaram sua relação com a universidade e a experiência singular de ser negro nesse espaço. Um estudante, em específico, começa dizendo que vivencia a relação com a universidade como um “morde e assopra”, e esclarece: “num dia, há uma política, e no outro, silenciamento”. O estudante desabafa e critica a forma com que a política se dá diariamente, pois, se num primeiro momento as políticas de ações afirmativas possibilitaram a entrada do estudante negro na universidade, no segundo momento, no que se refere à permanência nesse espaço, ela é ainda permeada de muitas violências. Em seguida, esse mesmo estudante, apresenta sua escrevivência. Compartilhamos um pequeno trecho de sua escrita.

Quem definiu a minha personalidade, o meu comportamento, a minha forma de olhar o mundo e me olhar? Não digo ou questiono isso para dizer que sou subalterno, afinal foi algo que me adestraram a acreditar, mas digo e questiono isso num exercício de pegar minha voz de volta. De dar voz a minha voz, de mostrar que ela está aqui, e que ela merece ser ouvida.

Uma servidora, após a fala e leitura da escrevivência desse estudante, diz ficar pensando: “até que ponto você tem de se desconfigurar para acessar esses lugares?”. Ela indaga sobre as autorrestrições, anulações e torções que pessoas negras têm de fazer para ingressar na universidade e conseguir manter-se.

No final dos encontros, a pergunta “quem pode falar na universidade?” ganha palavras. Escutamos ainda sobre esse Outro da brancura, da branquitude e do racismo estrutural e institucional (BENTO, 2022; ALMEIDA 2021; COSTA *et al.*, 2021) na academia. Também escutamos os estudantes e servidores engasgarem-se, embaralharem-se e ficarem silenciosos diante de novas palavras, palavras que dizem respeito às suas singularidades e experiências. As conversações oferecem, nesse sentido, um lugar para a “[...] palavra falar, testemunhar, ultrapassar a dor, usar a língua em sua função de ferramenta cultural, que pode desenhar outros destinos” (VANNUCHI, 2017, p. 68).

Nossa prática não buscou ou esperou resultados objetivos. Ao propor um espaço de escuta e fala livre aos estudantes negros e servidores dentro da própria instituição, os “resultados objetivos” dizem respeito às palavras estranhadas, à formulação de demanda analítica (MIRANDA; VASCONCELOS; SANTIAGO, 2006), às reverberações que podem surgir no tempo de cada sujeito participante. Para o nosso coletivo, também implicou o desejo de continuar a experiência com

⁷ Souto (2020) fala do quilombo enquanto uma tecnologia afrodiaspórica e o aquilombamento enquanto o dispositivo - derivado do quilombo - de resistência. “[...] aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político” (SOUTO, 2020, p. 144). Assim, se a fala de um estudante expressa a opressão que o ideal de Ego branco institui na vivência negra (Souza, 2021), as outras falas permitem abalar essa configuração, instituindo um espaço de separação a partir do qual se pode respirar e retomar outras linhas desejantes.

outros ciclos de conversações⁸, nos colocou em contato com o projeto de acolhimento Escuta Preta⁹ da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com o qual realizamos trocas, e passamos a integrar uma pesquisa multicêntrica¹⁰ que tem nos permitido aprofundar os estudos acerca da metodologia aqui delineada.

Quando pensamos em desafios, percebemos que, ao abrir um espaço de escuta para estudantes e servidores negros, abrimos também um espaço de imersão em nossas próprias feridas e cicatrizes, no tocante às vivências do contexto universitário. Nesse sentido, percebemos com frequência quase que rotineira a similaridade dos relatos de racismo, de silenciamento, de repetidos episódios de dor e sofrimento em um espaço que deveria ser de construção de conhecimento. Como falar e o que se falar diante de acontecimentos tão marcantes na vida das pessoas que, ao mesmo tempo, pareciam falar também de nossas vidas? Nosso maior desafio foi acolher essas falas sem perder de vista que era preciso conferir um sentido mais amplo às experiências vividas, coletivizando-as.

Assim sendo, ouvir as histórias relatadas tornou-se não só um desafio, mas uma tarefa delicada e decisiva na afirmação dessas narrativas. Esses discursos se dão “em movimento”, são como ondas gigantes e avassaladoras em um mar antes calmo, “tsunamis” de palavras que invadem não só a nós, mas a escrita – nosso fazer enquanto corpo e psicologia invadem a academia. Trazer essas palavras e discursos a estas páginas foi como reviver o fluxo intenso delineados por essas mesmas palavras e discursos.

Conclusão

Construir um espaço de escuta de alunos e servidores negros dentro da universidade foi uma experiência de muitos “achados”: achados no sentido amplo da palavra, uma vez que as narrativas dos sujeitos se mostraram tanto como uma estratégia de escape do sofrimento causado pelo racismo, quanto como uma possibilidade de existência coletiva, que se coloca para além da dor e do sofrimento.

Frente a essa colocação, importa dizer que os encontros promovidos pelo Coletivo Interestadual Ocupação Psicanalítica foram difíceis, sobretudo por tratarem de experiências traumáticas causadas pelo racismo institucionalizado. Essas experiências, em alguns momentos, foram reatualizadas pelas narrativas. Evocar memórias dolorosas vividas no espaço universitário mostrou que, se por um lado essas experiências podem produzir adoecimento, por outro elas abrem a possibilidade de construção de estratégias coletivas de luta e resistência.

Falar, escutar, escrever, escrever sobre histórias e experiências, tudo isso aliado às leituras e pontuações do grupo de alunos e servidores negros, apontaram a necessidade de potencializar essas falas de forma que elas possam reverberar em todos os cantos da universidade, não só nas salas do CEMUNI VI. Nesse sentido, a experiência, como parte desse processo, possibilitou perceber que produzir ativamente esse espaço de fala e escrita é parte constitutiva da formação de alunos, professores, psicólogos e psicanalistas. Escutar e construir caminhos com esses sujeitos nos torna parte ativa da luta por uma universidade mais inclusiva e de fato antirracista.

Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** São Paulo, Jandaíra, 2021.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

8 Iniciamos no semestre 2022/2 um novo ciclo chamado “Conversações: Escrivências múltiplas e a arte de narrar a si” e estamos planejando mais dois ciclos para o semestre de 2023/1.

9 O grupo de acolhimento é organizado pela prof^a Dra. Lia Vainer Schucman junto de duas estagiárias de psicologia. Ver em: <https://noticias.ufsc.br/tags/escuta-preta-grupo-de-acolhimento/>.

10 Trata-se da pesquisa “Leitura e intervenções psicanalíticas sobre o mal-estar colonial”, coordenada pela Profa. Andréa Guerra (2021) e financiada pelo Edital CNPq Chamada Universal 2021, com a participação de universidades de Minas Gerais, do Espírito Santo, da Bahia, de Alagoas e do Pará.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo editorial, 2019.

COSTA, Caíco Barbosa *et al.* Ocupar a universidade: experiências afirmativas e transformações políticas. **Psicologia em Revista**, v. 27, n. 2, p. 647-667, 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/28999>. Acesso em: 09 nov. 2022.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos**. Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicado em 1925)

GOMES-SANTOS, Júlia Cibele *et al.* Tornar-se Negro no Contexto Universitário e os efeitos na Saúde Mental dos Estudantes. In: COPENE, 12, Recife. **Anais [...]** Recife, PE, 11 a 16 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.copene2022.abpn.org.br/anais/trabalhos/anais01?simposio=270>. Acesso em: 7 de nov. 2022.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

GUERRA, Andréa Máris Campos *et al.* Ocupação Psicanalítica: por uma clínica antirracista. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Psicologia brasileira na luta antirracista: prêmio profissional Virgínia Bicudo: volume 2**. Brasília: CFP, 2022. p. 264-283.

GUERRA, Andréa Máris Campos; ARANHA, Mariana da Costa; VIDIGAL, Mariana Furtado. JÁ É quadrinho do morro: juventudes e complexidades periféricas. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 9, n. 1, pp. 45-52, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/32855>. Acesso em: 17 nov. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAURENT, Éric. O analista cidadão. **Curinga**, Belo Horizonte, v. 1, n. 0, p. 7-13, 1999. Disponível em: https://ebp.org.br/mg/wp-content/uploads/2020/06/Curinga-edicao_13.pdf. Acesso em: 22 nov. 2022.

MACHADO, Lilian Paula de Souza Alves. **Escrevivências clínicas: violência sexual na vida de meninas negras - um triplo trauma**. 2021. 128f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, 2021.

MENDONÇA, Renata Lucindo Ferreira. **Gravidez na adolescência: uma resposta ao outro?** 2017. 102f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MILLER, Jacques Alain *et al.* **La pareja e el amor: conversaciones clínicas com Jacques Alain-Miller em Barcelona**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MIRANDA, Margarete Parreira; VASCONCELOS, Renata Nunes; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa. **Psicanálise, educação e transmissão**, São Paulo, v. 6, 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032006000100060&lng=en&nrm=iso. Acesso em:

23 nov. 2022.

RIBEIRO, Cristiane. **Tornar-se negro, devir sujeito**. Belo Horizonte: Agência de Iniciativas Cidadãs, 2022.

SILVA, Beatriz Oliveira da. **Por acaso não sou uma mulher?** Sobre a depreciação de mulheres negras nas relações amorosas. 2022. 103f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

SOUTO, Stéfane. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Revista Metamorfose**, v. 4, n. 4, p. 133-144, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/metamorfose/article/view/34426/21352>. Acesso em: 23 de nov. 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, UFES. **Projeto de extensão nº 2382**. - Ocupação psicanalítica - por uma clínica antirracista. Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2021. Disponível em: <https://projetos.ufes.br/#/projetos/2382/extensao>. Acesso em: 22 ago. 2022.

VANNUCHI, Maria Beatriz Costa Carvalho. A violência de cada dia: o racismo à brasileira. *In*: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (orgs.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 59-70.

VITÓRIO, Laís Andrade *et al.* Território do bem, território de afetos e território de apostas: inserção e efeitos da atuação do Coletivo Ocupação Psicanalítica nos bairros de Vitória. *In*: COPENE, 12, Recife. **Anais [...]** Recife, PE, 11 a 16 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.copene2022.abpn.org.br/anais/trabalhos/anais01?simposio=270#L>. Acesso em: 7 de nov. 2022.

Recebido em 16 de Janeiro de 2023.

Aceito em 08 de fevereiro de 2023.